



**(Des)Igualdade de Género e a Maternidade – Atitudes de
mulheres e homens portugueses**

Joana Filipa Ventura Mesquita Dinis

Orientadora de Dissertação:

Professora Doutora Isabel Leal

Coordenadora de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Isabel Leal

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade de Psicologia da Saúde

2023/2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada ao ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia da Saúde.

Agradecimentos

Um obrigada à Professora Isabel Leal por toda a paciência ao longo desta etapa e por ter encontrado um ‘cantinho’ para mim no seu projeto!

Aos meus colegas do projeto “Generalidad@s” por terem sempre tempo para me ajudar, em especial, à Sofia, pela imensa paciência, pelos ensinamentos, e por fazer este caminho comigo. Serei eternamente agradecida!

Aos meus pais, Ivone e Luís, por serem os meus alicerces, a minha maior fonte de inspiração e por acreditarem sempre em mim, mesmo quando eu não o sei fazer. Sou o que sou graças a vocês. Amo-vos muito.

Ao meu irmão, por me ensinar o que é coragem, resiliência, garra e a não desistir. A tua força é inabalável e muito do que sou a ti to devo também. Serás sempre o meu maior orgulho!

Às minhas irmãs, Sara e Kakau, obrigada por serem as forças da natureza que são, por serem um dos meus maiores exemplos de superação, por me darem sempre a mão e acreditarem em mim. Às minhas pequeninas, Luana e Alícia, obrigada pelo vosso amor! Amo-vos muito!

Hélder, obrigada por tudo e por tanto! Obrigada por todas as conversas, por me ouvires e acima de tudo por acreditares que eu era capaz de levar isto até ao fim!

A todas as Grandes Mulheres da minha vida, na maternidade e fora dela. À minha amora, à minha ‘mãezinha’, Sónia, Daniela, Sarinha, Camila, Manana, Marta, Diana. Obrigada a todas por me ensinarem tanto e serem uma inspiração e um orgulho para mim!

Amor de uma vida, David Santos, obrigada pela paciência, pelo carinho e pelo tempo que me deste para fechar este capítulo. E a ti, Pedro Afonso, meu filho, acima de tudo a ti! Por me ensinares o que é ser mãe e o amor incondicional. Isto foi por ti! Amo-vos eternamente.

Resumo

Enquadramento: As atitudes dos homens e das mulheres são preponderantes para compreender as assimetrias que as questões ligadas à maternidade e parentalidade podem trazer à noção de igualdade de género, bem como estereótipos associados. Depreende-se que a função biológica e reprodutora poderá desencadear disparidades entre ambos os sexos. Os estereótipos de género poderão ser preditores de uma realidade desigualitária, que reconhece a mulher como eixo central nas temáticas inerentes à maternidade e parentalidade. **Objetivos:** Investigar as atitudes das mulheres e homens portugueses pela lente da maternidade, e como é que as mesmas fracionam as ideologias de igualdade de género e, conseqüentemente, perpetuam noções de estereótipos de género. **Método:** A amostra é composta por 802 participantes, 591 do sexo feminino (73,7%) e 211 do sexo masculino (26,3%). Os dados incluíram um questionário sociodemográfico, a Escala de Igualdade de Género (bidimensional de 7 itens) e Escala de Estereótipos de Género (unidimensional com 14 itens) concebidas e validadas nesta investigação. Foram também utilizados os 9 itens excluídos da Escala de Igualdade de Género, encarados como questões independentes, devido à pertinência para o estudo dos temas abordados nos mesmos. **Resultados:** Correlações estatisticamente significativas entre as variáveis de igualdade de género, estereótipos de género e parentalidade. Homens apresentam atitudes mais igualitárias e estereotipam menos do que as Mulheres, no entanto o mesmo não se verifica na dimensão da parentalidade. Itens excluídos apresentam correlações maioritariamente negativas e valores semelhantes entre os sexos em termos de atitudes igualitárias, no entanto, destacam-se alguns itens relativos às questões biológicas, amamentação e gravidez.

Palavras-chave: atitudes, sexo, igualdade de género, estereótipos de género, maternidade

Abstract

Background: The attitudes of men and women are crucial to understand the asymmetries that issues related to motherhood and parenthood can bring to the notion of gender equality, as well as associated stereotypes. It follows that biological and reproductive function may trigger disparities between both sexes. Gender stereotypes may be predictors of an unequal reality, which recognizes women as the central axis in the themes inherent to motherhood and parenthood. **Objectives:** To investigate the attitudes of Portuguese women and men through the lens of motherhood, and how they fragment ideologies of gender equality and, consequently, perpetuate notions of gender stereotypes. **Method:** The sample consists of 802 participants, 591 females (73.7%) and 211 males (26.3%). The data included a sociodemographic questionnaire, the Gender Equality Scale (two-dimensional of 7 items) and the Gender Stereotype Scale (unidimensional with 14 items) designed and validated in this research. The 9 items excluded from the Gender Equality Scale, seen as independent questions, were also used, due to the relevance for the study of the topics addressed in them. **Results:** Statistically significant correlations between gender equality variables, gender stereotypes and parenting. Men have more egalitarian attitudes and stereotype less than women, however the same is not true in the dimension of parenting. Excluded items present mostly negative correlations and similar values between the sexes in terms of egalitarian attitudes, however, some items relating to biological issues, breastfeeding and pregnancy stand out.

Keywords: attitudes, sex, gender equality, gender stereotypes, maternity

Índice

Introdução.....	1
Revisão da Literatura.....	2
Igualdade de Género, Estereótipos de Género e a Maternidade.....	2
Atitudes das Mulheres.....	6
Atitudes dos Homens.....	7
Método.....	10
Delineamento.....	10
Participantes.....	10
Caraterização da amostra.....	10
Material.....	11
Procedimento.....	13
Resultados.	14
Discussão.....	20
Referências.....	27
Anexos.....	33
Anexo A – Conceitos Gerais.....	33
Anexo B – Escalas.....	34
Anexo C - Tabelas.....	36

Introdução

A preocupação com as concepções de igualdade de género, apesar de não ser recente e de ser objeto de estudo desde há longos anos, tem vindo a ganhar uma maior expressão nos tempos atuais, sendo hoje considerada como uma questão de direitos humanos. Desta forma, têm-se verificado avanços inclusive a nível do plano legislativo nacional e internacional (Torres et al., 2018).

Mais concretamente, a noção de igualdade de género pode ser prejudicada contemplando diversos ângulos da vida humana. No entanto, um dos mais inerentes à mesma é, sem dúvida, o da perpetuação da nossa espécie e tudo o que isso implica, desde a conceção até à sua sobrevivência ao longo do tempo, pois é muitas vezes atribuída à mulher estas características “inatas” implícitas (Jesus et al., 2021; Rocha et al., 2007).

As divergências entre homens e mulheres nesta matéria têm sido percebidas através da lente biológica, cultural e social, o que cria um declive àquilo que seria uma noção de igualdade de género ótima, mas também àquilo que é agregado ao homem e à mulher em termos de estereótipos de género (Nascimento & Bianchi, 2021; Jesus et al., 2021). É neste âmbito que surge a pertinência de compreender as atitudes de cada um destes grupos, até porque as mesmas implicam a tendência com que um determinado objeto é avaliado, beneficemente ou não (Marques & Paéz, 2004).

De uma forma clara, o que se pretende com o presente estudo é explorar as atitudes das mulheres e homens portugueses pela lente das questões inerentes à maternidade, e como é que as mesmas quebram as ideologias de igualdade de género e, conseqüentemente, perpetuam noções de estereótipos de género.

Revisão da Literatura

Igualdade de Género, Estereótipos de Género e a Maternidade

A igualdade de género é uma temática com cada vez mais realce nos dias que correm e de uma relevância marcante, pois pressupõe uma simetria entre homens e mulheres, bem como pessoas de variadas diversidades, em relação à sua identidade de género ou orientação sexual, no que diz respeito à obtenção de recursos, poderes e direitos (Torres et al., 2018). No entanto, em muitas esferas da sociedade, essa simetria não é atingida, pois existem desigualdades materiais e simbólicas experienciadas pelas mulheres, relativamente aos homens (Connel, 1987) e vice-versa.

As desigualdades de género, estão presentes em diversos aspetos da vida humana, tais como, a educação, o mercado de trabalho, as condições de vida e a constituição de família, a violência e o crime, a saúde e valores (Torres et al., 2018). Desta forma, é inegável que a atribuição destas desigualdades se relacione, em grande parte, com a esfera biológica (Rocha et al., 2007).

Da mesma forma que todos estes fatores implicam um viés no alcance de uma igualdade de género plena, também as estereotipações do mesmo lhe conferem uma assimetria marcante, tendo em conta que pode entender-se como estereótipos de género, as atribuições de representações sociais, de características específicas e de valores ao que é ser se homem ou mulher. Assim, de acordo com vários estudos (Nascimento & Bianchi, 2021; Marques et al., 2006 e Cuddy et al., 2004), a estereotipação dos géneros fornece aos homens e mulheres, traços, emoções e tendências de comportamento específicos. Mais concretamente, no caso das mulheres, as mesmas são consecutivamente associadas a traços de sensibilidade, cuidado, atenção, etc. A dimensão do materno aparece, desta forma associada à mulher, que é

repetidamente vinculada às suas funções biológicas, bem como, aos cuidados parentais (Rocha et al., 2007).

De acordo com Amâncio (1994), a diferença entre ser homem e ser mulher não deriva apenas de categorias sociais, mas também da polarização das diferenças biológicas e que as mesmas servem de pretexto para as representações sociais, estereótipos e papéis sociais de género. Por exemplo, muitas vezes é associado à mulher a inevitabilidade de ser mãe, devido à sua capacidade biológica de gerar vida (Rocha et al., 2007; Ramos, 2009). De acordo com Braga e Amazonas (2005), num estudo que procura o debate entre os temas de infertilidade, maternidade, família e procriação assistida, relata-se que o feminino se tornou intrínseco à maternidade, pois a incapacidade de conceção leva a sensações de insegurança e ao facto de a mulher se sentir “menos mulher”. Desta forma, constata-se que o feminino está relacionado com o exercício da maternidade.

Por sua vez, ao homem nem sempre é associado o fator paternidade, sendo, em algumas ocasiões, até desvalorizado no exercício da parentalidade. Num estudo realizado por Morawska et al. (2021), fazendo recurso a um *website* australiano de parentalidade (*Raising Children Network*), percebeu-se que algum conteúdo estava implicitamente destinado às mães, devido ao facto de existirem páginas intituladas “para o pai”. É de salientar que em nenhum momento se verificou o mesmo para as mulheres, ou seja, não existia conteúdo exclusivo “para a mãe”.

Pode afirmar-se que as questões inerentes à maternidade e ao feminino invalidam, em grande parte, a concretização de uma igualdade entre géneros mais plena. Isto porque é encerrada na identidade do género feminino a representação de comportamentos, como o ser mãe e a prestação de cuidados aos outros (Alvarez & Vieira, 2014). Assim, a função materna é, essencialmente, vista como um objeto exclusivo da mulher. Apesar de, em termos profissionais, os homens e as mulheres partilharem responsabilidades, na esfera familiar, as

tarefas domésticas e o cuidado dos filhos permanecem como uma responsabilidade feminina (Matias et al., 2011).

Um estudo realizado por César et al. (2020), afirma claramente que independentemente de a legislação portuguesa atualmente reconhecer a importância do papel do homem/pai no cuidado do bebé/criança, socialmente, a parentalidade decorre ainda em moldes tradicionais de estereótipos de género. No mesmo artigo é descrito então que “(...) a divisão de papéis de género na parentalidade é clara e a revista assume que as tarefas de cuidado dos/as filhos/as são, claramente, responsabilidade da mãe, enquanto o pai tem um papel mais educativo e lúdico.” (César et al., 2020, p. 190).

Ainda dentro da temática da maternidade e parentalidade, temos a grande variável da amamentação e o papel que a mesma representa no enquadramento social da mulher. Aparentemente, amamentar, é considerada uma escolha imprescindível para a mulher ser considerada uma “boa mãe” (Coutinho & Leal, 2005). Tal acontece, em parte, porque a amamentação e os seus benefícios para a saúde dos bebés são estudados e promovidos através de políticas públicas nacionais e internacionais (*World Health Organization* [WHO], 2018), que culminam em campanhas promotoras da amamentação exclusiva como primeira opção de escolha de alimentação dos bebés, principalmente no primeiro semestre de vida (Linhares, 2021).

De acordo com um estudo desenvolvido por Taylor et al. (2020), que procurava avaliar a experiência da amamentação das mulheres, dentro dos seus contextos sociais, percebeu-se que as mesmas sentiam que a divulgação constante dos benefícios da amamentação para a saúde do bebé era uma fonte de pressão para a perpetuação do estereótipo de “boas mães”. No entanto, as mesmas asseguram que em momento algum são informadas e orientadas para as dificuldades que a amamentação em livre demanda pode trazer. Tendo em conta o referido

estudo, esta falha de informação pode acabar por tornar a experiência da amamentação, frustrante, levando a estados emocionais vulneráveis e sentimentos de auto culpabilização.

As propagandas de promoção do leite materno, muitas vezes não refletem a experiência real do que é amamentar e das suas dificuldades e a opção de escolha da mulher em querer fazê-lo ou não, o que pode levar a atitudes dicotômicas por parte da mesma. Por um lado, são reconhecidos os benefícios da amamentação para a mãe e para o bebé, mas por outro é percebido que o dever está acima do desejo e do poder de escolha (Pinheiro, 2011; DeMaria et al., 2020).

Para além destas evidências, é inegável que atrelado à função reprodutora da mulher vêm outras valências da mesma, como por exemplo, a esfera profissional. Diversos estudos, surgem no âmbito de compreender a ambivalência entre ser mãe e ser bem-sucedida profissionalmente, o que muito pouco se verifica para os homens (Lopes et al., 2005; Rocha-Coutinho, 2008; Beltrame & Donelli, 2012). Para além de ser analisada a maternidade em congruência com a carreira, são também debatidos temas como estratégias de conciliação e a própria questão das licenças de maternidade. Num estudo realizado por Jerusalinsky (2009), percebeu-se que o momento de separação entre mãe e bebé aquando do termino de uma licença de maternidade é vivido entre a dualidade de estar a “faltar” para com o seu filho e o não poderem realizar certas tarefas laborais, que impliquem viagens, horas extras ou até mesmo levar afazeres para casa.

Por outro lado, de acordo com um estudo realizado por Matias et al. (2011), que analisa as diferenças de género no conflito trabalho-família em famílias portuguesas, percebeu-se que as mulheres entram muito menos em conflito do que os homens na dinâmica família-trabalho. Isto deve-se, essencialmente, ao facto de perceberem as tarefas domésticas e de cuidados aos

filhos como intrinsecamente suas. Já no caso dos homens, quanto maior o desempenho de tarefas de cuidado aos filhos, maior o conflito família-trabalho.

Se for tido em consideração que, o trabalho familiar é da responsabilidade da mulher, estas acabam por não considerar que os deveres familiares são um fardo ou uma imposição assumindo-os como um dever. Isto leva a um impacto menor no conflito entre o domínio familiar e o profissional. Por outro lado, no caso dos homens, quanto maior for a participação no cuidado aos filhos maior é o conflito com o panorama profissional, pois tem-se em conta este papel não tradicional é por eles percebido como uma imposição (Kroska, 2003).

De uma forma geral, é perceptível que a mulher apresenta um papel central nas questões dos cuidados maternos e parentais, apesar de ser uma fase da vida humana que acarreta, normalmente, uma decisão conjunta. Perante um casal heterossexual, e diante o nascimento de um filho, não nasce apenas uma mãe, mas também um pai. Desta forma, o homem adquire também novas representações e tarefas de desenvolvimento (Canavarro, 2001). Mas quais serão as atitudes destes dois grupos face a estes temas? E como é que os mesmos influenciam ou não a noção de igualdade de género?

Atitudes das Mulheres

Perante as evidências científicas, que indicam uma correlação entre o alcance da plenitude do conceito de igualdade de género e a maternidade, Badinter (2011), desenvolveu um estudo que leva a alguns contrapontos relacionados com as grandes transformações observadas na maternidade dos últimos 30 anos. Algumas dessas dualidades prendem-se, essencialmente, com a rivalidade entre um modelo mais tradicional, natural e instintivo vs. a possibilidade de escolher ou não exercer a maternidade; os desejos da mulher vs. os desejos da mãe, bem como, a maternidade vs. a liberdade. Estes dualismos fortificam as ambivalências da maternidade real, conduzindo a uma forma subjetiva de vivenciar a mesma (Lemos & Kind,

2017). Já em 2005, num estudo realizado por Lima, observou-se que as mulheres entendiam os termos de “mãe” e “mulher” como conseqüentemente redutores, pressupondo que a maternidade era um destino evidente e óbvio da mulher.

No que diz respeito aos cuidados infantis, verifica-se também que as mulheres apresentam atitudes mais positivas do que os homens, visto as entenderem como sua responsabilidade (Poortman & Van der Lippe, 2009).

Já na esfera da amamentação, e de acordo com um estudo realizado por Linhares (2021), as dificuldades relatadas na prática da mesma, revela a importância e a representatividade do aleitamento materno. Essas dificuldades, descritas como físicas, psicológicas e sociais, foram apresentadas como inerentes ao processo de amamentação, para além da sensação de falta de apoio e incentivo dos profissionais de saúde. Este facto demonstra que é importante aceitar estes processos inerentes à amamentação, como sendo parte integrante da experiência, constituindo uma maternidade ideal.

No entanto, no que toca à caracterização das atitudes, num estudo realizado em Portugal por Coutinho e Leal (2005), demonstrou-se a existência de uma atitude positiva em grande parte da amostra (85%), relativamente à amamentação e aos seus benefícios para a mãe, para o bebé e para a sua relação.

Atitudes dos Homens

O homem/pai é capaz de fornecer um apoio e desempenhar um papel na fase da amamentação, e da parentalidade, preponderante e a sua participação na mesma pode ajudar a reconfigurar normas de género, promovendo uma maior igualdade e flexibilidade nos papéis familiares (Bennet et al., 2016; Johansson & Klinth, 2008). Alguns estudos apontam ainda que a participação paterna desde os primeiros anos de vida pode ser fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, bem como um fator protetor importante

contra problemas de saúde mental na adolescência (Cabrera et al., 2000; Flouri & Buchanan, 2003).

Apesar destas evidências, as normas culturais colocam ainda uma forte pressão sobre as mulheres para serem “boas mães”, enquanto aos homens lhes é permitido adotar uma atitude mais passiva. Os que apresentam esta perspectiva, reforçam as expectativas de que as mães são naturalmente mais aptas para o cuidado dos filhos, mesmo que reconheçam a importância do seu próprio envolvimento. Num estudo realizado por Cowan e Cowan (2019), compreendeu-se que apesar das expectativas crescentes de que os homens se envolvem mais na parentalidade, muitos ainda internalizam a ideia de que a maternidade é mais “natural” para as mulheres, o que leva a uma divisão desigual das tarefas parentais, onde os homens muitas vezes se retiram das responsabilidades de cuidados primários.

Mais concretamente, no que diz respeito às questões relacionadas com a amamentação, por exemplo, um estudo desenvolvido em Portugal, demonstra que as atitudes dos homens são mais elevadas e favoráveis, na componente comportamental e menos favoráveis na componente afetiva, percecionando as diversas vantagens da amamentação. Por outro lado, os homens apresentam atitudes menos positivas, na dimensão afetiva e adotam uma posição mais neutra quando questionados se o aleitamento materno prejudica dificuldades nas relações sexuais e na intimidade do casal, e se proporciona um desgaste emocional na mulher, tornando o processo desconfortável (Pereira, 2020). Esta evidência pode ainda ser corroborada pelo facto de a amamentação, ser ainda considerada um tema feminino, que é, na maioria dos casos, dirigido exclusivamente às mulheres, mães e grávidas, excluindo o pai de um assunto tão preponderante no desenvolvimento de uma criança. Apesar de a mãe apresentar um papel fundamental na amamentação, esta deve ser entendida encarada como uma questão de casal e o homem, deve também expressar a sua opinião e ter um papel ativo (Yogman & Garfield, 2016; Pereira & Leal, 2020).

Relativamente aos cuidados infantis, os homens, que realizam o cuidado pele a pele, afirmam-se menos ansiosos, mais orgulhosos e confiantes nos cuidados do bebé, sentindo-se tão importantes como a mãe enquanto cuidadora (Olsson et al., 2017). Desta forma, recentemente, estudos realizados em muitos países e que utilizam a questão do tempo, afirmam que tanto os homens como as mulheres passam mais tempo a cuidar dos seus filhos (Bianchi et al., 2006; Baxter et al., 2015).

Em Portugal e, de acordo com o Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal (2014), que avaliou as atitudes face ao lugar do pai no cuidado aos/às filhos/as, por sexo, 75% dos homens e das mulheres concordam que a criança é prejudicada quando o pai não participa nestes cuidados. Por sua vez, já a ideia de que o pai é “tão capaz como a mãe de tomar conta de um/a bebé com menos de um ano” mostrou-se menos consensual. São, precisamente, os homens (53%) que menos concordam com esta afirmação, do que as mulheres (60%), isto é, são estes quem mais entende que existem aptidões parentais, inscritas no género feminino, que capacitam as mulheres para os cuidados ao bebé no primeiro ano de vida.

É de salientar que, de acordo com o Instituto Europeu para a Igualdade de Género, em 2020 Portugal ocupava o 15º lugar no Índice de Igualdade de Género com uma pontuação de 61,3 em 100, encontrando-se 6,6 pontos abaixo da média da União Europeia.

Apesar de a maioria da literatura científica respetiva às questões de igualdade de género e a maternidade abordar as atitudes dos homens e das mulheres referentes às diversas temáticas inerentes a estes assuntos, são escassos os que apresentam uma comparação clara das duas populações, principalmente em Portugal. Desta forma, torna-se pertinente esclarecer realmente quais são as atitudes das mulheres e homens portugueses, face à estereotipação dos géneros bem como está implícita a maternidade/paternidade na obtenção de uma igualdade de género plena, especialmente nos dias de hoje.

Método

Delineamento

O presente estudo, de natureza quantitativa, trata-se de uma investigação empírica correlacional transversal, apresentando um delineamento de investigação de carácter não-experimental.

Relativamente ao processo de amostragem empregue neste estudo, o mesmo é não-probabilístico, com efeito “bola de neve”.

O estudo centra-se em 3 grandes variáveis, o Sexo (feminino e masculino), a Igualdade de Género (IG) e os Estereótipos de Género (EG) e uma variável mediadora que é a Maternidade. O objetivo é perceber as diferenças de respostas de ambos os sexos face às questões inerentes à Maternidade e como é que as mesmas influenciam ou não a Igualdade de Género e as noções de Estereótipos de Género.

Participantes

Durante o processo de administração do questionário, foram obtidas um total de 1378 respostas, no entanto foram eliminadas 559 por se encontrarem incompletas, 7 por serem de idade inferior a 18 anos, 1 por conter respostas inválidas e 9 por residirem no estrangeiro. Desta forma, foi obtido um total de **802 participantes**.

Caraterização da amostra

A amostra, apresentada na Tabela 1 (anexo C), é constituída por 591 participantes do sexo feminino (73,7%) e 211 participantes do sexo masculino (26,3%). Apresenta uma idade média de 32,75 anos, sendo a idade mínima de 18 anos e a máxima de 93 anos.

Quanto à orientação sexual, 667 participantes identificam-se como heterossexuais (83,2%), 50 participantes identificam-se como homossexuais (6,2%), 62 participantes como bissexuais (7,7%) e os restantes 23 selecionaram a opção ‘Outra’ (2,9%).

Relativamente às habilitações literárias, mais de metade da amostra tem ou frequenta uma licenciatura (50,9%, n=408). No que diz respeito à situação profissional, 462 participantes apresentam-se como trabalhadores ativos (57,6%) e 283 são estudantes (35,3%).

Material

O projeto “Generalidad@s” contempla um total de cinco escalas, para além do questionário sociodemográfico, que procuram compreender as atitudes e perceções dos participantes face às questões relacionadas com a igualdade de género, estereótipos de género, duplo padrão sexual e minorias sexuais.

No presente estudo, recorrer-se-á ao questionário sociodemográfico, considerando, mais especificamente a variável sociodemográfica Sexo, bem como os dados de duas escalas – Escala de Igualdade de Género e Escala de Estereótipos de Género.

Por último, e devido à relevância dos mesmos para a presente investigação, serão tratados e analisados um a um os itens excluídos da Escala de Igualdade de Género original, a saber: o item 1, o item 7, o item 8, o item 9, o item 10, o item 11, o item 12, o item 13 e o item 14 (anexo B).

Escala de Igualdade de Género

A escala de Igualdade de Género (anexo B) mede as perceções individuais das diferenças entre géneros em duas dimensões (Leal, 2024). Esta, aquando da publicação no questionário, contou com 16 itens no total, no entanto, após a análise fatorial para validação da escala, determinou-se a exclusão de 9 itens.

Desta forma, a sua versão final apresenta uma escala bidimensional com 7 itens de resposta dicotômica (Concordo ou Discordo) e um nível de consistência interna e fiabilidade aceitáveis (Alfa de Cronbach = 0.746), em que 4 itens explicam as diferenças de género (itens 1, 2, 6 e 7) e 3 o fator parentalidade (3, 4 e 5) (tabela 2 – anexo C).

A validade do construto foi verificada através de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), e percebem-se índices de qualidade de ajustamento (tabela 3 – anexo C) satisfatórios ($X^2/gf = 1.150$, NFI = 0.985, TLI = 0.997, CFI = 0.998, RMSEA = 0.014). O ajuste dos dados à AFC foi verificado através dos testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de Esfericidade de Barlett. Quanto aos valores de adequação da amostra, estes foram considerados significativos (Teste de Esfericidade de Barlett = $p < 0.001$) e relativamente à proporção da variância que os indicadores têm em comum, foram entendidos como bons (KMO = 0.813).

É de salientar que, a estrutura fatorial obtida nesta escala é específica do tema em estudo, encontrando-se a decorrer o seu processo de validação.

Escala de Estereótipos de Género (Diferenciador Semântico)

A Escala de Estereótipos de Género apresenta uma estrutura unidimensional, com um total de 14 itens (Anexo B). Correspondem a estereótipos femininos, 9 itens e a estereótipos masculinos, 5 itens, considerando que todos os itens masculinos são itens reversos (tabela 4 – anexo C). A interpretação da escala é realizada através seus valores, ou seja, valores mais altos indicam menor estereótipo e valores mais baixos indicam uma visão mais estereotipada. A escala apresenta 5 opções de resposta para cada item:

Muito mais de mulheres	De mulheres	Igualmente de homens e mulheres	De homens	Muito mais de homens
---------------------------	-------------	---------------------------------------	-----------	-------------------------

A escala é fiável e apresenta uma boa consistência interna (alfa de Cronbach = 0.795). Relativamente à validade do construto esta foi avaliada através de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), que apresentou índices de qualidade de ajustamento (tabela 5 – anexo C) satisfatórios ($X^2 = 162.146$, $df = 73$, $X^2/df = 2.221$, $NFI = 0.918$, $TLI = 0.941$, $CFI = 0.953$, $RMSEA = 0.039$).

Os diferenciadores semânticos (DS), visam medir as reações dos sujeitos apresentando estímulos em forma de palavras singulares, bem como características com duas extremidades de resposta e um total de cinco opções, como apresentado anteriormente. Desta forma, a posição neutra corresponde à ideia de ‘nem feminino nem masculino’.

Procedimento

A presente investigação está inserida num projeto mais amplo denominado de “Generalidad@s: Duplo Padrão Sexual, Identidade de Género e Minorias Sexuais”, desenvolvido pela Professora Doutora Isabel Leal (*William James Center for Research*, ISPA – Instituto Universitário), aprovado pelo Conselho de Ética do ISPA, e destinado exclusivamente à população portuguesa, e/ou residentes em Portugal durante os últimos 5 anos, e a maiores de 18 anos.

O processo de recolha de dados foi realizado através da administração de um questionário, difundido através da plataforma *Qualtrics*, do tipo *survey*. Inicialmente, foi apresentado aos participantes o formulário de consentimento informado, incluindo as condições do estudo, a informação relativa à confidencialidade do mesmo, bem como o seu objetivo. Após concordarem voluntariamente em participar, foram apresentadas as questões sociodemográficas relativas à idade, sexo, orientação sexual, habilitações literárias, região geográfica, situação profissional, género e crenças religiosas.

Os itens de cada escala exigiam a obrigatoriedade de resposta, no entanto, era possível a desistência do questionário a qualquer momento. O mesmo terminou com um agradecimento aos participantes e com a confirmação de submissão de respostas. A duração de preenchimento foi de, aproximadamente, 15 minutos.

A sua divulgação foi feita, maioritariamente, *online* via e-mail e através de redes sociais, tais como, Facebook, Instagram e WhatsApp. Os dados foram recolhidos num período de, sensivelmente, dois meses (início de Fevereiro a Abril de 2024).

Resultados

Os resultados que serão apresentados de seguida espelham a análise da relação entre as Escalas de Igualdade de Género (IG), Estereótipos de Género (EG) consoante a variável sociodemográfica: sexo (feminino ou masculino), bem como a relação da dimensão da Parentalidade da Escala de Igualdade de Género (itens 4, 5 e 6).

De modo a suportar as evidências apresentadas ao longo do estudo, torna-se relevante o aproveitamento dos dados dos itens excluídos da Escala de Igualdade de Género. Tendo em conta que muitos se relacionam com as temáticas abordadas poderá trazer alguma pertinência ao presente estudo.

As variáveis Igualdade e Estereótipos são consideradas quantitativas, por outro lado, a variável sociodemográfica sexo é ordinal. Os resultados dos testes estatísticos foram alcançados através do *SPSS Statistics* versão 29.

As correlações entre as escalas e a variável sociodemográfica selecionada (sexo) foi verificada através do coeficiente de Correlação de Spearman (ρ).

Tabela 5 – Correlações entre as escalas e a dimensão Parentalidade e a variável sociodemográfica Sexo

Variáveis	Sexo
IG	-.253**
EG	-.210**
Parentalidade	-.145**

** Sig. <.001

Tendo em conta os dados da tabela 5 foram encontradas as seguintes correlações estatisticamente significativas:

- ✓ Correlação negativa entre a Igualdade (IG) e o Sexo ($\rho(802) = -.253, p < .001$), entre fraca a moderada.
- ✓ Correlação negativa entre os Estereótipos (EG) e o Sexo ($\rho(802) = -.210, p < .001$), entre fraca a moderada.
- ✓ Correlação negativa entre a Parentalidade e o Sexo ($\rho(802) = -.145, p < .001$), considerada fraca.

Para verificação das diferenças entre as médias dos grupos procedeu-se ao teste estatístico *ANOVA one-way*, apresentados na tabela seguinte.

Tabela 6 – Diferenças entre médias dos grupos e tamanho do efeito da ANOVA one-way.

Variáveis	F	Sig.	η^2
IG	53.309	<.001	.062
EG	38.014	<.001	.045
Parentalidade	21.932	<.001	.027

Nas três variáveis verifica-se que existem diferenças entre os grupos, isto é, IG ($F(1, 800) = 53.209, p < .001$), com uma magnitude do efeito grande ($\eta^2 = .062$); EG ($F(1, 800) = 38.014, p < .001$), com uma magnitude do efeito média ($\eta^2 = .045$) e na Parentalidade ($F(1, 800) = 21.932, p < .001$), com uma magnitude do efeito pequena ($\eta^2 = .062$).

De modo a avaliar as atitudes de ambos os sexos consoante as variáveis, de seguida serão apresentadas as respetivas médias.

Tabela 7 – Estatística Descritiva para a Igualdade de Género, consoante o Sexo

Sexo	N	M	DP
Homem	211	21.50	5.52
Mulher	591	18.69	4.52

De acordo com os dados apresentados na tabela, apesarem de serem valores muito próximos, constata-se que os Homens apresentam atitudes mais igualitárias ($M = 21.50$), do que as Mulheres ($M = 18.69$).

Relativamente aos Estereótipos de Género, verificou-se também que os Homens têm tendência a estereotipar menos ($M = 33.33$) do que as Mulheres ($M = 30.39$), como demonstra a tabela seguinte.

Tabela 8 – Estatística Descritiva para os Estereótipos de Género, consoante o Sexo

Sexo	N	M	DP
Homem	211	33.33	5.44
Mulher	591	30.39	6.13

No que diz respeito à dimensão da Parentalidade, os dados indicam que os Homens apresentam atitudes menos igualitárias ($M = 6.79$) do que as Mulheres ($M = 5.90$), como se verifica na Tabela 9. Estas evidências assumem uma componente interessante, pois percebemos que o sexo masculino, apesar de apresentar atitudes mais positivas do que o sexo feminino face à igualdade de género, no que toca à parentalidade, demonstra atitudes menos igualitárias.

Tabela 9 – Estatística Descritiva para a dimensão da Parentalidade, consoante o Sexo

Sexo	N	M	DP
Homem	211	6.79	2.70
Mulher	591	5.90	2.25

Para finalizar a análise dos resultados, serão apresentados os dados relativos aos itens excluídos da escala original de Igualdade de Género (Anexo B), que comportam uma componente importante da esfera da maternidade e parentalidade, pertinentes para a compreensão das temáticas apresentadas anteriormente no presente estudo.

Tabela 10 – Correlações entre os itens excluídos da escala de Igualdade de Género e a variável sociodemográfica Sexo

Itens Excluídos	Sexo
IG1	-.011
‘Os homens e as mulheres são iguais’	
IG7	-.213**
‘O principal papel dos homens é a paternidade’	
IG8	.097**

'As crianças podem ser criadas igualmente por um homem ou por uma mulher'	IG9	-.062
'As diferenças entre homens e mulheres são biológicas'	IG10	.000
'As diferenças entre homens e mulheres são psicológicas'	IG11	.125**
'As diferenças entre homens e mulheres são sociais'	IG12	-.045
'A gravidez limita as mulheres'	IG13	-.281**
'A gravidez dignifica as mulheres'	IG14	-.350
'A amamentação é uma função imprescindível e exclusiva das mulheres'		

** Sig. <.001

De um modo geral, através da tabela anterior, pode observar-se que a maioria das correlações é negativa, com exceção dos itens 8 ($\rho (802) = .097, p < .001$) e 11 ($\rho (802) = .125, p < .001$). O item 14 é o que mais se destaca, que apesar de negativa, apresenta uma correlação forte ($\rho (802) = -.350, p < .001$). De salientar que este item aborda a questão da amamentação como “uma função imprescindível e exclusiva das mulheres” e que o mesmo foi reformulado, posteriormente, para a versão final da Escala de Igualdade de Género, como: “A amamentação é uma função exclusiva das mulheres”.

Tabela 11 – Estatística Descritiva dos itens excluídos da escala da Igualdade de Género, consoante o Sexo

Itens Excluídos	Sexo	N	M	DP
IG1	Homem	211	1.00	1.364
'Os homens e as mulheres são iguais'	Mulher	591	2.82	1.304
IG7	Homem	211	2.08	1.125
'O principal papel dos homens é a paternidade'	Mulher	591	1.56	.787
IG8	Homem	211	3.93	1.128
'As crianças podem ser criadas igualmente por um homem ou por uma mulher'	Mulher	591	4.19	.951
IG9	Homem	211	3.73	1.113
'As diferenças entre homens e mulheres são biológicas'	Mulher	591	3.62	1.007
IG10	Homem	211	3.07	1.171
'As diferenças entre homens e mulheres são psicológicas'	Mulher	591	3.08	1.026
IG11	Homem	211	3.17	1.124
'As diferenças entre homens e mulheres são sociais'	Mulher	591	3.47	1.099
IG12	Homem	211	3.09	1.216
'A gravidez limita as mulheres'	Mulher	591	2.96	1.221
IG13	Homem	211	3.57	1.055
'A gravidez dignifica as mulheres'	Mulher	591	2.85	1.117

IG14	Homem	211	3.41	1.225
'A amamentação é uma função imprescindível e exclusiva das mulheres'	Mulher	591	2.39	1.153

Relativamente aos itens excluídos da escala de Igualdade de Género, podemos observar que os homens e as mulheres apresentam atitudes muito idênticas entre si, no entanto é de salientar o item 14, onde os homens ($M = 3.41$) assumem mais do que as mulheres ($M = 2.39$), que a esfera da amamentação é da sua responsabilidade. O item 13, que afirma que “a gravidez dignifica as mulheres”, também apresenta atitudes um pouco distintas entre os grupos, onde as mulheres ($M = 2.85$) assumem mais o pressuposto do que os homens ($M = 3.57$).

Discussão

A presente investigação propõe-se a analisar as possíveis relações que existem entre os conceitos de igualdade de género e estereótipos de género à lente das questões inerentes à maternidade/paternidade e como é que as mesmas moldam as atitudes das mulheres e dos homens portugueses. Tendo em conta esta premissa, os primeiros resultados analisados correspondem às correlações entre as escalas selecionadas para o efeito e o sexo dos participantes (feminino ou masculino).

O que se verificou, primeiramente, foi que o sexo influencia as atitudes em relação à igualdade de género e contribui para a formulação de estereótipos de género. No que diz respeito à dimensão da parentalidade, o mesmo também se confirmou, o que leva à confirmação da influência entre as variáveis. Estas evidências corroboram o especulado nesta investigação, tal como já se tem vindo a averiguar em alguns estudos prévios, supracitados (Cowan & Cowan, 2019; Lorber, 2010).

Num estudo realizado por Wall e Leitão (2017), em Portugal, também se pôde comprovar esta ocorrência, pois ao abordar a questão da utilização da licença parental pelos homens, percebeu-se que a mesma tem aumentado, no entanto a maioria das responsabilidades ligadas ao cuidado ainda recaem sobre as mulheres. Isto depreende que as construções sociais assentes no sexo biológico ainda impactam as desigualdades de género no mundo da parentalidade.

De um modo mais concreto e, de acordo com os resultados obtidos, percebeu-se que os homens portugueses apresentam atitudes mais igualitárias do que as mulheres, o que pode parecer paradoxal. No entanto, o livro *'Rising Tide'*, escrito por Inglehart e Norris (2003), afirma que nas sociedades onde já se verificaram avanços significativos na igualdade, como é o caso de muitos países ocidentais, pode haver um certo nível de adaptação dos homens em expressar mais apoio à igualdade de género, sem terem necessariamente experienciado formas discriminatórias de género, como as mulheres enfrentam. Este fator pode levar a que as mulheres detetem entraves à igualdade que os homens não vivenciam.

Por outro lado, o que pode ser também justificativo para os resultados obtidos é o facto de Portugal, ao longo dos anos, ter vindo a desenvolver inúmeros investimentos na abordagem à igualdade de género, através de variadas ações políticas e de movimentos feministas (Amâncio & Santos, 2021).

A par do que se verificou com a igualdade de género, o mesmo sucedeu com os estereótipos de género. Os resultados sugerem que, na amostra em questão, os homens apresentam atitudes ligeiramente menos baseadas em estereótipos de género do que as mulheres, ou seja, têm tendência a estereotipar menos do que o sexo oposto. Johansson e Klinth (2008), apontam que isto pode derivar do facto de os homens, especialmente nas gerações mais jovens, estarem a adotar atitudes mais igualitárias, o que resulta em valores mais baixos de estereotipação de género entre eles. Por sua vez, as mulheres, por serem mais tradicionalmente afetadas por

questões relacionadas com a desigualdade de género, podem apresentar uma perceção mais forte dos estereótipos, levando-as a ser mais criteriosas (Lorber, 2010).

No que diz respeito aos resultados obtidos na dimensão da parentalidade, da Escala de Igualdade de Género, os mesmos revelaram um dado interessante: os homens apresentam atitudes menos igualitárias em relação à parentalidade do que as mulheres. Estas evidências apontam para o aspeto de que, apesar de os homens, em geral, apresentarem atitudes mais igualitárias em relação às questões da igualdade de género, como supracitado, isso não se revela em atitudes igualmente progressistas em relação à parentalidade.

Um estudo realizado por Wall, Aboim, Cunha e Vasconcelos (2001) analisa esta dualidade na realidade portuguesa, e explica que os homens já apresentam um papel mais ativo nas suas responsabilidades parentais, mas ainda existe uma separação categórica que aloca mais responsabilidades inerentes ao cuidado, sobre as mulheres. Isto pode ser uma das justificações para o porquê de os homens ainda terem atitudes menos igualitárias na esfera da parentalidade, pois muitos ainda percecionam a sua contribuição como algo suplementar.

Esta dinâmica também pode ser explicada através do facto de que os pais/homem, ainda tenderem a ser percebidos como “ajudantes” no processo parental. As mulheres assumem o papel principal de cuidadoras e os homens o papel de ‘providenciar’. Estes papéis de género acabam por fazer a ponte àquilo que pressupõem os estereótipos de género, e, em muitos contextos, as atitudes dos homens e das mulheres, advêm de acordo com os mesmos, o que também influencia as próprias expectativas em relação aos filhos (Smith & McLaughlin, 2020).

A análise aos itens excluídos da escala original de Igualdade de Género, permitiu compreender algumas noções importantes no âmbito das temáticas apresentadas e como as mesmas se relacionam entre si. De uma forma mais sucinta, podemos concluir que:

- ❖ Item 1, as mulheres tendem a concordar mais com a afirmação de que ‘os homens e as mulheres são iguais’, do que o sexo oposto;
- ❖ Item 7, as mulheres discordam mais que ‘o principal papel dos homens é a paternidade’;
- ❖ Item 8 ‘as crianças podem ser criadas igualmente por um homem ou por uma mulher’, ambos os sexos concordam com a afirmação, apresentando apenas uma pequena diferença de resultados, onde as mulheres apresentam uma média ligeiramente maior;
- ❖ Item 9, homens e mulheres têm respostas semelhantes, com tendência a concordar que ‘as diferenças entre homens e mulheres são biológicas’;
- ❖ Item 10, tanto os homens como as mulheres apresentam valores muito próximos, concordando moderadamente que ‘as diferenças entre homens e mulheres são psicológicas’;
- ❖ Item 11, as mulheres concordam mais fortemente do que os homens com a noção de que ‘as diferenças entre homens e mulheres são sociais’;
- ❖ Item 12, os resultados são semelhantes, com ambos os sexos a concordarem que ‘a gravidez limita as mulheres’;
- ❖ Item 13, os homens concordam mais com a afirmação ‘a gravidez dignifica as mulheres’, do que as mulheres;
- ❖ Item 14, os homens concordam mais do que as mulheres com a afirmação ‘a amamentação é uma função imprescindível e exclusiva das mulheres’.

Os resultados obtidos com estes itens, tal como os restantes já previamente apresentados, sugerem algumas distinções entre os sexos sobre as questões ligadas a papéis de género, como algumas diferenças marcantes nas opiniões sobre igualdade, biologia, psicologia e aspetos sociais.

Fazendo referência ao que foi depreendido nos resultados do Item 1, pode compreender-se que, apesar de a percepção de igualdade entre os sexos, mais concretamente no contexto das mudanças sociais contemporâneas, ter vindo a ser vastamente discutida, os homens muitas vezes subestimam as desigualdades de género, enquanto as mulheres estão muito mais conscientes das mesmas. Mesmo em sociedades mais igualitárias, a persistência de visões mais tradicionais de género é uma realidade (Flood, 2020). Para além disso, a teoria da Socialização de Género, sugere que as mulheres são socializadas para agirem mais empaticamente e serem mais conscientes das dinâmicas de poder, o que por si só pode influenciar as percepções de igualdade (Ridgeway & Correll, 2004).

Por outro lado, analisando os resultados dos Itens 7 e 8, conseguimos perceber que a mudança de visão entre os sexos, relativamente ao tema da parentalidade partilhada, é notória, mesmo que ainda existam barreiras culturais (Sayer, Bianchi & Robinson, 2004). Apesar das mulheres ainda perceberem como da sua responsabilidade, a carga do trabalho doméstico e o cuidado infantil, tem-se assistido a uma maior aceitação da divisão igualitária de responsabilidades parentais. Desta forma, um estudo realizado por Farré (2016), concluiu que as políticas de licença parental podem ser potencialmente promotoras de igualdade de género, se ajustadas às dinâmicas de género, e normalizando a participação dos homens nos cuidados familiares.

As diferenças biológicas, psicológicas e sociais (Item 9, 10 e 11, respetivamente), evidenciam percepções um pouco diferentes sobre os alicerces das diferenças entre homens e mulheres, que, de acordo com uma perspetiva essencialista, agrega determinadas características, como o comportamento, as atitudes e algumas aptidões, a fatores biológicos inatos (Fine, 2010).

Por último, os resultados aos itens sobre gravidez e amamentação (12, 13 e 14), revelam diferenças significativas nas opiniões entre homens e mulheres, que pode ser explicado pela visão tradicional que associa o valor da mulher à sua capacidade de reprodução (Rocha et al., 2007; Lima, 2005). No que diz respeito à amamentação, especificamente, os resultados podem ser explicados através da experiência direta das mulheres com a esfera da maternidade e com o reconhecimento de que existem alternativas para a amamentação, bem como o reconhecimento da igualdade parental nas tarefas de cuidado (Linhares, 2021; DeMaria et al., 2020).

De um modo geral, é perceptível a complexidade que existe na compreensão das perceções de género à luz dos conceitos de igualdade, parentalidade e a influência dos fatores biológicos. As noções tradicionais já começam a ser postas em causa, no entanto a socialização do género continua a ser um fator poderoso que molda as atitudes dos homens e das mulheres portuguesas em relação aos seus papéis e à igualdade de género.

A maternidade e a parentalidade constituem um dos maiores desafios ao percurso de vida da maioria das pessoas e podem ter inúmeros impactos naquilo que somos e na forma como nos comportamos. Assim sendo, é inegável que estes dois tópicos continuam a moldar as perceções de igualdade de género e cunham a perpetuação de estereótipos em Portugal.

Apesar de já se terem verificado avanços legislativos e sociais, continuam a existir assimetrias importantes entre homens e mulheres neste domínio. As atitudes das mulheres e dos homens português ainda refletem disparidades no campo das responsabilidades parentais e naquilo que são as expectativas sociais associadas à maternidade e os estereótipos de género continuam a afetar a forma como a sociedade percebe os papéis de mães e pais.

As questões biológicas reforçam também estas desigualdades, criando uma pressão adicional na mulher e a conciliação da maternidade com o meio profissional ainda desempenha um desafio maior para mulheres do que para os homens.

Apesar de se verificarem avanços em direção à igualdade, existe ainda um caminho a percorrer com o intuito de desconstruir estereótipos enraizados, de modo a alcançar assim uma verdadeira equidade de género no contexto da parentalidade em Portugal. Para o efeito, seriam necessárias mais ações educativas, políticas públicas e mudanças culturais para promover uma repartição mais equilibrada das responsabilidades parentais, eliminando preconceitos associados aos papéis de género na família.

Para finalizar, considera-se que o presente estudo possa apresentar mais-valias no que diz respeito à compreensão das atitudes atuais dos portugueses, e fornece uma comparação entre as populações, pertinente, específica dos temas abordados. Tendo em conta que é um estudo, direcionado apenas para a população portuguesa, permite também compreender o contexto português da atualidade, preenchendo possíveis lacunas de conhecimento.

Quanto às suas limitações, pode inferir-se que a amostra é um pouco desequilibrada (73,7% são mulheres e 26,3% são homens), o que pode afetar a generalização dos resultados. Quanto às respostas dos participantes, as atitudes relatadas podem não refletir com precisão os seus comportamentos reais, devido ao viés de desejabilidade social.

Outro ponto de reflexão será também a discriminação das idades dos participantes. Poderia ser interessante, em estudos futuros, perceber as atitudes das mulheres e dos homens portugueses, correlacionando as suas faixas etárias e perceber a diferença de mentalidades da população portuguesa.

Por último, mas não menos importante, tendo em conta que este é um estudo transversal, não permite inferir causalidades ou a observação de mudanças de atitudes ao longo do tempo.

Referências

- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In C. Murchison (Ed.), *Handbook of social psychology* (pp. 798-844). Worcester, MA: Clark University Press.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amâncio, L., Santos, M.H. (2021). Gender equality and modernity in Portugal. An analysis of the obstacles to gender equality in high qualified professions. *Social Sciences*, 10: 162. <https://doi.org/10.3390/socsci10050162>
- Alvarez, T., & Vieira, C. C. (2014). O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. *Exedra*, 8-17. <http://hdl.handle.net/10400.2/7128>.
- Baxter, J., Buchler, S., Perales, F., Western, M. (2015). A Life-Changing Event: First Births and Men's and Women's Attitudes to Mothering and Gender Divisions of Labor. *Social Forces*, 93(3), 989 – 1014. <https://doi.org/10.1093/sf/sou103>
- Beltrame, G. R. & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, 38-39, 206-217.
- Bennett, A. E., McCartney, D., & Kearney, J. M. (2016). Views of fathers in ireland on the experience and challenges of having a breast-feeding partner. *Midwifery*, 40, 169 – 176. <https://doi.org/10.1016/j.midw.2016.06.003>
- Bianchi, S. M., J. P. Robinson & M. A. Milkie. (2006). *Changing Rhythms of American Family Life*. New York: Russell Sage Foundation.
- Braga, M. G. R. & Amazonas, M. C. L. A. (2005). Família: maternidade e procriação assistida. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100003>
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.

- Cabrera, N. J., et al. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- César, F., Oliveira, A. & Fontaine, A., (2020). Mães cuidadoras, pais imperfeitos: Diferenças de género numa revista portuguesa para mães e pais. *Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, (41), 179-194.
- Coutinho, J., & Leal, I. (2005). Atitudes de mulheres em relação à amamentação – Estudo exploratório. *Análise Psicológica*, 23(3), 277-282. <https://doi.org/10.14417/ap.54>
- Connell, R. W. (1987). *Gender and power: Society, the person and sexual politics*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2019). Men's Involvement in Parenthood: Identifying the Conditions that Promote Father's Involvement. *Family Process*, 58(3), 709-722. <https://doi.org/10.1111/famp.12397>
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The Origins of Sex Differences in Human Behavior: Evolved Dispositions Versus Social Roles. *American Psychologist*, 54(6), 408-423. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.6.408>
- Farré, L. (2016). Parental Leave Policies and Gender Equality: A Survey of the Literature. *Estudios de Economía Aplicada*, 34(1), 45-60. <https://doi.org/10.25115/eea.v34i1.2053>
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. Basic Books. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0730938400005232>
- Fine, C. (2010). *Delusions of Gender: How Our Minds, Society, and Neurosexism Create Difference*. New York: W. W. Norton & Company.
- Flood, M. (2020). Men and gender equality. In K. L. Nadal (Ed.), *The SAGE encyclopedia of psychology and gender* (pp. 1099-1101). SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781483384262.n387>

- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The Role of Father Involvement in Children's Later Mental Health. *Journal of Adolescence*, 26(1), 63-78. [https://doi.org/10.1016/S0140-1971\(02\)00114-9](https://doi.org/10.1016/S0140-1971(02)00114-9)
- Inglehart, R., & Norris, P. (2003). *Rising Tide: Gender Equality and Cultural Change Around the World*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511550362>
- Instituto Europeu para a Igualdade de Género. (2020). *Índice de Igualdade de Género 2020 Portugal*. <https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2023>
- Jerusalinsky, J. (2009). A maternidade e o Gozo fálico. In *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* (pp. 122-134). [Tese de Doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.]
- Jesus, E. S., Oliveira, L. A., Costa, L. O. & Torres, J. R. (2021). A Biologia e a desigualdade entre os géneros. *Ensino de Ciências e Biologia: Inclusão e Diversidade*, 4361-4366.
- Johansson, T., & Klinth, R. (2008). Caring Fathers: The Ideology of Gender Equality and Masculine Positions. *Men and Masculinities*, 11(1), 42-62. <https://doi.org/10.1177/1097184X06291899>
- Kroska, A. (2003). Investigating gender differences in the meaning of household chores and childcare. *Journal of Marriage and Family*, 65 (2), 456-473. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00456.x>
- Lima, M., & Correia, I. (2000). Atitudes: Medida, estrutura e funções. In M. B. Monteiro e J. Vala (Eds). *Psicologia Social*, 201 – 243.
- Lima, A. de B. B. do C. (2005). “De Maria a Mary – “Mulheres em transição” na experiência contemporânea da maternidade. [Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e

- Ecologia Social, Rio de Janeiro.] Recuperado a 24 de fevereiro de 2011, de <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wpcontent/uploads/angelinadebelli.pdf>
- Linhares, J. G. (2021). *Mães ideias ou Mulheres Possíveis? – Um estudo qualitativo sobre amamentação e estereótipos de gênero*. [Tese de Mestrado, ISPA Instituto Universitário]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/8432>
- Lorber, J. (2010). *Gender Inequality: Feminist Theories and Politics* (4th ed.). Oxford University Press. DOI:[10.2307/41308970](https://doi.org/10.2307/41308970)
- Marques, J. & Paéz, D. (2004). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala & M.B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (6ª ed., pp. 333-386), Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matias, M., Andrade, C. & Fontaine, A. (2011). Diferenças de gênero no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *PSICOLOGIA*, 25(1), 9-32. <https://doi.org/10.17575/psicol.v25i1.1004>
- Morawska, A., Baker, S. & Johnston, S. (2021). “The Parent Trap”: Gender stereotypes and parenting roles in an Australian parenting website. *Australian Journal of Psychology*, 73(3), 272-281. <https://doi.org/10.1080/00049530.2021.1918340>
- Negreiros, T. C. G. M. & Carneiro, T. F. (2004). Masculino e Feminino na Família Contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Olsson, E., Eriksson, M., & Anderzén-Carlsson, A. (2017). Skin-to-skin contact facilitates more equal parenthood - A qualitative study from fathers' perspective. *Journal of Pediatric Nursing*, 34, 2- 9. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2016.10.005>
- Pereira, S. C. J. (2020). *Atitudes de Homens Face à Amamentação*. [Tese de Mestrado, ISPA Instituto Universitário]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/7870>.
- Pereira, J. & Leal, I. (2020). Estudo de uma escala de atitudes face à amamentação. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(3), 726-734. <https://doi.org/10.15309/20psd210315>

- Ridgeway, C. L., & Correll, S. J. (2004). Unpacking the gender system: A theoretical perspective on gender beliefs and social relations. *Gender & Society*, 18(4), 510-531. <https://doi.org/10.1177/0891243204265269>
- Rocha, A., Leal, I., & Maroco, J. (2007). A amamentação, o feminino e o materno. *Análise Psicológica*, 25(3), 363-380. <https://doi.org/10.14417/ap.35>
- Rocha-Coutinho, R. R. (2008). Variations on an old Theme: Maternity for Women with a Very Successful Professional Career. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(1), 66-77. <https://doi.org/10.1017/S1138741600001198>
- Ramos, R. R. (2009). “Ser mulher é mais do que ser mãe.”: Um estudo sobre mulheres que trabalham e que optam por não ser mães. [Tese de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina]. Repositório Universitário da Ânima (RUNA). <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10143>
- Sayer, L. C., Bianchi, S. M., & Robinson, J. P. (2004). Are parents investing less in children? Trends in mothers' and fathers' time with children. *American Journal of Sociology*, 110(1), 1-43. <https://doi.org/10.1086/386270>
- Smith, J. A., & McLaughlin, K. (2020). Gender stereotypes in parenting: Attitudes and behaviors of mothers and fathers. *Journal of Gender Studies*, 29(5), 581-595. <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1740424>
- Taylor, A., Alexander, J., van Teijlingen, E., & Ryan, K. (2020). Commercialisation and commodification of breastfeeding: video diaries by first-time mothers. *International Breastfeeding Journal*, 15(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13006-020-00269-4>
- Torres, A., Pinto, P. C., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu. Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/igualdade-de-genero-ao-longo-da-vida-resumo-do-estudo.pdf>

- Wall, K., Aboim, S., Cunha, V., & Vasconcelos, P. (2001). Families and informal support networks in Portugal: The reproduction of inequality. *Journal of European Social Policy*, 11(3), 213-233. <https://doi.org/10.1177/0958928701113004>
- Wall, K., & Leitão, M. (2017). Fathers on leave alone in Portugal: Lived experiences and impact of forerunner fathers. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 37(5/6), 392-407. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-08-2016-0098>
- Yogman, M., & Garfield, C. F. (2016). Fathers roles in the care and development of their children: The role of pediatricians. *Pediatrics*, 138. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1128>.

Anexos

Anexo A - Conceitos Gerais

Atitudes

A atitude é um conceito que alberga as diferentes posições das pessoas, perante determinados assuntos, e que têm como base os valores, sentimentos, crenças e experiências, e que se traduzem, portanto, em diferentes comportamentos (Lima & Correia, 2000).

As atitudes não são diretamente observáveis, sendo assim consideradas como um construto hipotético, e são compreendidas como um estado de preparação mental ou neutral que deriva da experiência. Desta forma, apresentam-se como uma suposição dos processos psicológicos internos de uma pessoa que se deduzem em comportamentos observáveis (Allport, 1935; Lima & Correia, 2000).

Igualdade de Género

A igualdade de género pode ser definida como a condição em que mulheres e homens têm os mesmos direitos, responsabilidades e oportunidades em todas as esferas da vida, incluindo a participação social, política, económica e familiar, sem discriminação com base no género. De acordo com Lorber (2010), a igualdade de género não é sinónimo de que homens e mulheres sejam idênticos, mas que as oportunidades e os direitos não devem ser limitados por normas ou expectativas baseadas no sexo.

Estereótipos de Género

Estereótipos de género são crenças ou ideias preconcebidas que atribuem características, comportamentos e papéis específicos a homens e mulheres com base no seu sexo. Esses estereótipos são frequentemente baseados em generalizações que podem não refletir a realidade e têm um impacto significativo na forma como as pessoas são tratadas e como se percebem. Os

estereótipos de género podem levar a expectativas sobre o que é considerado “apropriado para homens e mulheres, influenciando aspetos como educação, carreira, família e comportamento social.

De acordo com Eagly e Wood (1999), os estereótipos de género não refletem apenas as crenças sociais, mas também influenciam as interações sociais, contribuindo para a perpetuação de desigualdade entre os géneros.

Sexo e Género

Sexo é um conceito que se refere às características biológicas que distinguem os seres humanos em homens e mulheres, geralmente baseadas em aspetos como os cromossomas, as hormonas e os órgãos reprodutivos. Segundo Fausto-Sterling (2000), embora o sexo seja categorizado de forma binária (masculino e feminino), existe uma variação natural do desenvolvimento biológico, levando à existência de pessoas intersexuais, que não se identificam nas definições típicas de sexo masculino e feminino.

Género é uma construção social e cultural que se refere aos papéis, comportamentos e expectativas que as sociedades atribuem aos indivíduos com base no seu sexo. O género envolve dimensões sociais e psicológicas, como a identidade de género, os papéis de género e a expressão de género. Este é performativo, o que significa que não é algo que temos ou somos, mas sim que fazemos através de atos repetitivos, tais como: vestir, falar e agir de determinadas formas socialmente associadas ao ser masculino ou feminino (Butler, 1990).

Anexo B – Escalas

Escala de Igualdade de Género – versão final

- 1) A anatomia de homens e mulheres tem consequências incontornáveis nos seus papéis sociais
- 2) Há profissões mais adequadas para homens e para mulheres

- 3) As mulheres devem cuidar das crianças enquanto estas são pequenas
- 4) As crianças precisam mais da mãe do que do pai
- 5) O principal papel das mulheres é a maternidade
- 6) A amamentação é uma função exclusiva das mulheres
- 7) Os homens e as mulheres são diferentes

Itens Excluídos da Escala de Igualdade de Género

- Os homens e as mulheres são iguais (item 1)
- O principal papel dos homens é a paternidade (item 7)
- As crianças podem ser criadas igualmente por um homem ou por uma mulher (item 8)
- As diferenças entre homens e mulheres são biológicas (item 9)
- As diferenças entre homens e mulheres são psicológicas (item 10)
- As diferenças entre homens e mulheres são sociais (item 11)
- A gravidez limita as mulheres (item 12)
- A gravidez dignifica as mulheres (item 13)
- A amamentação é uma função imprescindível e exclusiva das mulheres (item 14)

Escala de Estereótipos de Género

1. Organização
2. Imaturidade
3. Agressividade
4. Autoritarismo
5. Submissão
6. Romantismo

7. Responsabilidade

8. Sensibilidade

9. Atenção

10. Emotividade

11. Elegância

12. Individualismo

13. Promiscuidade

14. Cuidador

Anexo C – Tabelas

Tabela 1

Caraterização da Amostra (N= 802)

Variável	Frequência	%
Idade 32,75 (μ)		
Sexo		
Feminino	591	73,7 %
Masculino	211	26,3 %
Orientação sexual		
Heterossexual	667	83,2 %
Homossexual	50	6,2 %
Bissexual	62	7,7 %
Outra (demisssexual, pansexual, <i>queer</i> , não sabe, etc.)	23	2,9 %
Habilitações literárias		
Ensino básico	10	1,2 %
Ensino secundário	194	24,2 %
Licenciatura	408	50,9 %
Mestrado	154	19,2 %
Doutoramento	18	2,2 %
Outra (curso técnico, profissional, etc.)	18	2,2 %
Situação profissional		
Estudante	283	35,3 %
Ativo	462	57,6 %

Desempregado	34	4,2 %
Reformado	23	2,9 %
<u>Género</u>		
Feminino	584	72,8%
Masculino	211	26,3%
Outro (não binário, <i>gender non-conforming</i> , agénero)	7	0,9%
<u>Crenças religiosas</u>		
Não sou religioso	367	45,8 %
Religioso não praticante	221	27,6 %
Cristão	158	19,7 %
Outra (espírita, agnóstico, budista, muçulmano, judeu, pagão, crente sem religião, espiritualista, etc.)	29	3,6 %
Preferir não responder	27	3,4 %

Tabela 2

Estrutura Fatorial da Escala de Igualdade de Género

Itens	Fator 1 – Diferenças de Género	Fator 2 - Parentalidade
	1	3
	2	4
	6	5
	7	

Tabela 3

Medidas de Ajustamento da Escala de Igualdade de Género

Medida de Ajustamento	Índice de Qualidade de Ajustamento
χ^2/gl	1.150
NFI	0.985
TLI	0.997
CFI	0.998
RMSEA	0.014

Tabela 4

Estrutura Fatorial da Escala de Estereótipos de Género

Itens	Fator 1 – Estereótipos Masculinos	Fator 2 – Estereótipos Femininos
	2	1
	3	5
	4	6
	12	7
	13	8
		9
		10
	11	
	14	

Tabela 5

Medidas de ajustamento da Escala de Estereótipos de Género

Medida de Ajustamento	Índice de Qualidade de Ajustamento
X ²	162.146
df	73
X ² /de	2.221
NFI	0.918
TLI	0.941
CFI	0.953
RMSEA	0.039